

HISTÓRIA DE JERUSALÉM

MICHAËL JASMIN

Tradução: Rita Sousa Lopes

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

ÍNDICE

PREÂMBULO	9
---------------------	---

CAPÍTULO I

JERUSALÉM E A BÍBLIA	13
I. A Bíblia, entre fontes primárias e fontes secundárias . .	13
II. O lugar de Jerusalém na Bíblia hebraica (Antigo Testamento)	16
III. Por precaução	19

CAPÍTULO II

GEOGRAFIA E TOPOGRAFIA DE JERUSALÉM	21
I. Situação regional.	21
II. O sítio: colinas, vales e recursos naturais	22

CAPÍTULO III

JERUSALÉM CANANEIA (1900 A 1200 ANTES DA NOSSA ERA)	25
I. Os desafios da datação.	27
II. <i>Ab urbe condita</i> ... (Idade do Bronze Média II).	28
III. As tábuas de um escriba excepcional (Idade do Bronze Final IIA: século xiv antes da nossa era)	34
IV. Os perigos do poder e as invasões (Idade do Bronze Final IIB: século XIII)	36

CAPÍTULO IV

DO REINO AOS IMPÉRIOS (1200 A. C. A 330 ANTES DA NOSSA ERA).	38
I. O tempo da Bíblia	38
II. «Jebuseus» de origem hitita?	39
III. Nas pegadas do reino de David e Salomão	41
IV. O Estado da Judeia (930-721 antes da nossa era).	46
V. Sob o Império Assírio (721-609).	47
VI. Sob o domínio babilónico (609-539)	51
VII. Período persa (539-332)	52

CAPÍTULO V

UMA CIDADE GRECO-ROMANA E JUDAICA

(DE 330 ANTES DA NOSSA ERA A 324 DA NOSSA ERA)	55
I. O período helenístico	55
II. Dos Lágidas aos Asmoneus e aos Selêucidas (302-141)	59
III. A dinastia dos Asmoneus (141-63)	63
IV. O período romano	65

CAPÍTULO VI

A JERUSALÉM TERRENA DOS CRISTÃOS (324-638).	83
I. Os primeiros peregrinos (séculos IV a VII).	85
II. O Santo Sepulcro	87
III. De Justiniano a Heráclio	91

CAPÍTULO VII

JERUSALÉM MUÇULMANA (638-1099)	92
I. Uma rendição discreta	93
II. Durante a dinastia omíada (660-750)	94
III. Dos Abássidas (750-969) aos Fatímidas (969-1099).	101

CAPÍTULO VIII

O TEMPO DAS CRUZADAS (1099-1187 E 1187-1250)	103
I. Planeamento urbano e povoamento	106
II. Jerusalém em construção	107
III. Uma cidade de campanários	112
IV. Saladino e os Aiúbidas (1187-1250).	114
V. Um interlúdio cristão entre 1229 e 1244	118

CAPÍTULO IX

A CIDADE DOS TRÊS MONOTEÍSMOS.	120
I. Sob o jugo mameluco (1250-1517)	120
II. O Império Otomano (1517-1917).	122

CAPÍTULO X

JERUSALÉM CAPITAL	129
I. O Mandato Britânico (1917-1948)	130
II. O Estado de Israel e a Jordânia (1948-1967)	131
III. A reunificação-anexação de Jerusalém (desde 1967)	131
MAPAS	133
Jerusalém no 2.º e 1.º milénios a. C..	133
Jerusalém no tempo dos Asmoneus e de Herodes (século II a. C. a 70 d. C.)	134
Jerusalém/ <i>Aelia Capitolina</i> . Período romano e bizantino (132-638).	135
Jerusalém na Idade Média. Dos Omíadas aos Otomanos (638-século xv)	136
CRONOLOGIA	137
BIBLIOGRAFIA.	139

PREÂMBULO

Em várias ocasiões na História, Jerusalém esteve no centro dos pensamentos e das acções de milhares – ou mesmo de milhões – de pessoas. O seu poder de atracção é, sem dúvida, único no mundo. Jerusalém foi um íman para as religiões monoteístas e deixou uma marca profunda na nossa herança judaico-cristã. Devaneios, deambulações, peregrinações, cruzadas... Inúmeros momentos «sísmicos», o último dos quais é, sem dúvida, o conflito israelo-palestiniano, que abala Jerusalém até ao âmago e cujas repercussões são internacionais. A História da Humanidade foi transformada por Jerusalém e pelos acontecimentos que ali tiveram lugar em momentos fulcrais. Basta pensar no que aconteceu no início da nossa era...

No entanto, nem tudo é excesso nesta cidade antiga, cuja superfície ocupa um mero quilómetro quadrado. De facto, por detrás deste mundo imaginário que nunca deixou de impressionar o Ocidente, há, antes de mais, ruas e pedras, e histórias singulares. É também disso que falaremos aqui. Este livro assume o desafio de apresentar, de forma sintética, uma história que se prolonga por quatro milénios.

De que modo se pode escrever a história de uma cidade como esta? Essencialmente, graças aos vários documentos à disposição do historiador: arqueológicos, epigráficos, artísticos, exegéticos, etc. Para que se formulem hipóteses sólidas, o historiador tem de dialogar com estas múltiplas fontes. É por isso que é importante recorrer aos resultados das investigações arqueológicas e históricas mais recentes. Se nos dispomos a abordar mais particularmente a história antiga de Jerusalém, é por duas razões: em primeiro lugar, continua a ser o período mais difícil de apreender, pois a sua narrativa baseia-se em relatórios de escavações arqueológicas de difícil acesso para os não-especialistas; em segundo lugar, essa história beneficiou das descobertas recentes mais espectaculares, que nos permitem considerar as origens da cidade sob um novo prisma.

As escavações arqueológicas levadas a cabo desde o início dos anos 2000, consideráveis pelo número e pela extensão, mas também pela duração e, sobretudo, pelos resultados, permitiram reescrever inteiramente certos trechos da história de Jerusalém, que é, evidentemente, mais do que a soma das construções e das destruições que a cidade sofreu ao longo dos milénios. Mas os arqueólogos estão bem colocados para saber que, embora a Bíblia hebraica apresente a história da fundação dos reis David e Salomão, a cidade já existia quase mil anos antes desse período presumido, e já então era uma capital regional situada no coração das montanhas da Judeia! Trata-se de uma descoberta radicalmente nova, resultado directo de escavações arqueológicas realizadas depois do ano 2000.

Com base nas investigações actuais, é possível isolar vários períodos nesta longa história: o início do segundo milénio antes da nossa era marca o momento da fundação da

cidade; o início do primeiro milénio convida-nos a questionar a historicidade do rei David; no início da nossa era, erguem-se as construções de Herodes, *o Grande*; o tempo de Adriano, no século II, dá a Jerusalém a fisionomia de uma colónia romana; vêm depois as etapas e as modalidades da cristianização sob os Bizantinos, seguidas da islamização dos Omíadas aos Aiúbidas. Assim, através da evolução das estruturas militares (fortificações), das estruturas políticas e públicas (locais de poder, instalações hidráulicas, etc.) e das estruturas religiosas (templos, sinagogas, igrejas, mesquitas), surgem dinâmicas urbanas que nos permitem compreender a Jerusalém contemporânea.

Embora existam milhares de publicações sobre Jerusalém, a maioria está disponível em inglês. Até há pouco tempo, era lamentável que não se encontrassem obras completas, bem documentadas e críticas em relação às fontes antigas, disponíveis em francês. Este livro vem preencher esta lacuna, oferecendo uma abordagem que incorpora os mais recentes achados arqueológicos e completa *Jérusalem. Histoire d'une ville-monde*, editado por Vincent Lemire em 2016. Um dos grandes méritos dessa obra colectiva é o de proporcionar uma visão rica, nomeadamente dos períodos mais recentes, desde o início da Idade Média e do reinado dos Omíadas no século VII até ao século XX.

Este nosso livro pretende, também, assumir uma dimensão pedagógica, fornecendo uma abordagem histórica abrangente e de longo alcance, que permita compreender Jerusalém. Para tal, é necessário combater muitos dos preconceitos e mal-entendidos que, com demasiada frequência, rodeiam esta cidade, que tem tanto de inspiradora como de fantasiada.

Esta síntese almeja, assim, revisitar uma história densa, a história dos quatro milénios de uma cidade cuja trajectória urbana, política e religiosa se perfila como verdadeiramente singular.

CAPÍTULO I

Jerusalém e a Bíblia

I. A Bíblia, entre fontes primárias e fontes secundárias

Entre as muitas fontes escritas que permitem traçar a história de Jerusalém, uma, em particular, ofusca manifestamente as outras: a Bíblia. Não por ser mais fiável – na verdade, seria antes o contrário –, mas por ser, pela sua influência na história religiosa e na cultura, nomeadamente ocidental, uma referência obrigatória.

Numerosas polémicas marcam os debates actuais sobre a historicidade da Bíblia, sobretudo em Jerusalém. Obedecem a etapas bem conhecidas hoje em dia: durante muito tempo, no decurso do século xx, com a prática de uma «arqueologia bíblica», os livros ditos «históricos» (Josué, Juízes, Reis, etc.) não foram postos em causa. Bastava que as escavações confirmassem o texto. Nos anos 80, o pêndulo oscilou na direcção oposta: a Bíblia tornou-se tudo, menos um documento histórico, com a arqueologia a permitir provar as incoerências do texto sagrado através de provas materiais «irrefutáveis». Qual é a situação actual?

Convém repor o relato bíblico enquanto fonte escrita no devido lugar. Tal como os textos dos Macabeus, no século II antes da nossa era, ou as *Antiguidades Judaicas* e *A Guerra Judaica* de Flávio Josefo, no século I, a Bíblia é uma fonte secundária, ou seja, muitas vezes não é contemporânea dos períodos que relata.

Pela heterogeneidade cronológica da sua composição, pela extensão dos textos e dos géneros literários que a compõem e, talvez, sobretudo, pela duração do período que relata cerca de um milénio (sensivelmente do século XIII ao século IV antes da nossa era), a Bíblia hebraica difere, em todos os aspectos, das primeiras fontes escritas primárias (textos de execração egípcios, arquivos de El-Amarna) que mencionam Jerusalém, mais curtas, mas também muito mais antigas, e que serão descritas mais adiante em pormenor. Assim sendo, o historiador não tem outra escolha senão trabalhar com todas as fontes escritas à sua disposição, sejam elas primárias ou secundárias, as quais devem ser situadas no contexto em que foram produzidas. Tal como as fontes primárias não podem ser seguidas cegamente, também as fontes secundárias não são apenas ficção narrativa!

Embora a questão da historicidade do texto bíblico tenha sido amplamente debatida nas últimas décadas, o debate, esse, continua em aberto¹. Lançou um descrédito profundo sobre o valor histórico da Bíblia, mas nem assim desencorajou os escritores de recorrerem a essa fonte. «A questão, para o historiador, é saber até que ponto pode ou não confiar no texto

¹ Ver, por exemplo, M. Liverani, *A Bíblia e a Invenção da História*, trad. V. Dutaut, Paris, Gallimard, 2008.

bíblico, que, independentemente do que se pense dele, constitui *de longe a fonte antiga mais desenvolvida de que dispõe sobre a história de Israel*². Acrescentemos, até: *a fortiori* no que respeita à história de Jerusalém.

O que está em causa é a relação conflituosa entre a história bíblica e a história historiográfica. A primeira baseia-se na sua própria cronologia e dinâmica narrativa. A segunda baseia-se em documentos ditos «extra-bíblicos», uma vez que foram escritos durante este período dito «bíblico». Corresponde à abordagem que será desenvolvida nos próximos capítulos. É neste confronto entre a história bíblica e os historiadores que os investigadores se dividem, consoante subscrevam perspectivas maximalistas ou minimalistas. Segundo as primeiras, a Bíblia pode ser considerada um documento histórico, desde que não seja desmentida por fontes extra-bíblicas ou arqueológicas; as segundas perspectivas, em contrapartida, rejeitam a dimensão histórica da Bíblia, enquanto esta não se encontrar sustentada por outros documentos históricos ou arqueológicos. Actualmente, a questão já não é criticar a historicidade do texto bíblico... esse é um facto aceite. Trata-se, antes, de saber ler este texto para dele extrair um sentido narrativo, memorial e, se possível, fecundo para a reconstrução da história da cidade. Por esta razão, desde os anos 2010, alguns arqueólogos têm vindo a desenvolver uma «arqueologia bíblica histórica», que tenta conciliar cientificamente as duas abordagens, bíblica e arqueológica.

² T. Römer, J.-D. Macchi, C. Nihan (eds.), *Introduction à l'Ancien Testament*, Genebra, Labor & Fides, 2009, p. 55 (itálico nosso).